

À guisa de apresentação: mulheres escritoras de ontem e de hoje

Juliana Maia de QUEIROZ*

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Cíntia Acosta KÜTTER**

Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)

Andréa Correia Paraíso MÜLLER***

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

O número sessenta e seis da *Revista Moara* foi idealizado como um espaço de apresentação e discussão das principais pesquisas atuais acerca da literatura escrita por mulheres do século XIX àquelas da contemporaneidade. Nossa chamada recebeu inúmeros artigos, sendo a maioria deles voltados para escritoras brasileiras e alguns poucos que versam também sobre obras de autoras latino-americanas. As leitoras e os leitores de nosso número poderão, assim, realizar um passeio por obras e mulheres que se lançaram ao fazer literário no passado, tais como a oitocentista Maria Benedita Câmara

* Juliana Maia de Queiroz é doutora em Teoria e História Literária (2011) pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Desde 2014, é professora efetiva de literatura na Universidade Federal do Pará (UFPA), atuando na graduação e na pós-graduação. Coordena o grupo de pesquisa "Vozes de Mulheres na Literatura" (CNPq) e é membro do GT A Mulher na Literatura, da ANPOLL.

** Doutora em Letras Vernáculas, com foco em Literaturas Portuguesa e Africanas, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com pós-doutorado realizado na Universidade Federal do Pará (UFPA) com bolsa Capes (2019/2020). Possui mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e graduação em Letras Português/Francês pela Fundação Universidade do Rio Grande (FURG). Atualmente, é Professora Adjunta na Universidade Federal Rural da Amazônia, no campus de Tomé-Açu, onde leciona no curso de Letras. Integra diversos grupos de pesquisa, entre eles Escritas do Corpo Feminino (UFRJ/UNILAB), Sobre o Corpo Feminino – Literaturas Africanas e Afro-brasileira (UNILAB), MOZA (UFPB) e GELICS (UFRA). E-mail cintia.kutter@ufra.edu.br

*** É doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), mestre em Estudos Literários e licenciada em Letras Português/Francês pela Universidade Estadual Paulista (UNESP- Campus Araraquara). Desde 1999, é professora efetiva do curso de Licenciatura em Letras - Português/Francês da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria e História Literária, Língua Francesa e literaturas de língua francesa, atuando principalmente nos seguintes temas: história da leitura, literaturas de língua francesa, romance, leitura literária em língua estrangeira e ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras.

Bormann (Délia), Carolina Maria de Jesus no século XX, chegando aos dias atuais com Conceição Evaristo e Márcia Kambeba, por exemplo.

Buscando compreender, portanto, essa trajetória de luta não só pelo reconhecimento, mas sobretudo pelo registro de seus nomes enquanto escritoras pela historiografia e crítica literárias, iniciamos com as palavras de Constância Lima Duarte em sua apresentação do conceito de *memoricídio* e o apagamento das mulheres nas letras nacionais. Em seguida, Luciana Ataíde e Sara Maciel versam, por meio de uma análise comparativa, sobre a representação do corpo feminino e da violência contra a mulher nos contos “A dama da noite”, de Olga Savary e “Portas fechadas”, de Monique Malcher. Similar no que tange à questão da representação da violência contra a mulher, tanto física quanto simbólica, temos o artigo de Deyse Brito e Cristiane Tolomei sobre o romance *Compasso Binário*, da escritora maranhense Arlete Nogueira. Já Carolina Maria de Jesus, o seu *Quarto de despejo* e a decolonialidade da literatura negro-brasileira são os temas do artigo de Vanessa Carvalho e Luís Heleno del Castilho, texto em que apresentam modos de desconstrução de categorias universalizadas, sob um viés decolonial. Dando prosseguimento, temos o artigo de Luiza Dias e Rubens Damasceno-Morais que lançam mão do ethos discursivo para analisar a imagem cristalizada da escritora Carmen Dolores, adjetivada de “argumentadora máscula”, por meio da análise das crônicas da autora publicadas nos jornais da época.

Do século XX, temos também a escritora Lygia Fagundes Telles em foco. O artigo escrito por Alessandra Fernandes e Talliandre Pereira se debruça sobre o perfil materno no romance *Ciranda de Pedra*, publicado em 1954, relacionando-o com arquétipos maternos que envolvem tensões entre expectativas culturais, sociais e individuais. Já a obra de Sheyla Smanioto é tema de dois artigos. Em “Um manifesto pela libertação do corpo feminino: *Meu corpo ainda quente* (2020) de Sheyla Smanioto”, Stefani Andersson Klumb e Cleiser Schenatto Langaro analisam o recente romance da autora no contexto da produção literária feminina, entendida como espaço de resistência. Igualmente, Ana Raquel de Sousa Lima e Margareth Torres de Alencar Costa têm como objeto de estudo o romance de estreia de Smanioto, *Desesterro*, de 2015. Em “Literatura e expressões das emoções: representações de violências contra a mulher em *Desesterro*, de Sheyla Smanioto”, as pesquisadoras abordam a violência familiar sofrida por duas personagens femininas. Cíntia Acosta Kütter reflete sobre o protagonismo feminino na obra da

escritora paraense Sultana Levy Rosenblatt. No artigo “*O Barracão*, de Sultana Levy Rosenblatt: uma feminina geografia do afeto ao norte”, Kütter analisa as personagens do romance em questão como mulheres transgressoras às quais a autora emprestaria sua voz.

Voltando ao passado, sabemos que os periódicos oitocentistas constituem fontes primárias indispensáveis para pesquisas sobre a escrita de mulheres no século XIX e é justamente sobre a imprensa do Oitocentos que Maria Luiza Faleiros, Maria Lucilena Gonzaga e Carolina Barros se debruçam para estudar a representação de escritoras no século XIX com o intuito de investigar a recepção de *Lésbia*, romance de 1890 assinado por Délia, pseudônimo de Maria Benedita Bormann. Esse romance também é objeto de estudo de Arthur Mora em seu artigo “A mulher superior: escritoras nietzschianas e o suicídio no romance brasileiro de fins do XIX”. Além de Maria Benedita Bormann, Mora contempla também Emília Freitas e Albertina Bertha, autoras, respectivamente, de *A rainha do Ignoto* (1899) e *Exaltação* (1916). A pesquisa identifica e analisa elementos da filosofia de Nietzsche nos textos dessas três romancistas. A transgressão de um modelo de “professora ideal” é discutida por Guthemberg Nery e Laura Alves no artigo “Sexualidade, erotismo e transgressões da professora primária no romance *Menina que vem de Itaiara* (1996), de Lindanor Celina”. O estudo focaliza a ruptura da protagonista com o padrão de professora vigente no período em que a narrativa é ambientada, os anos 1920 e 1930. “A mulher ontem e hoje: narrativa de um lugar social na literatura a partir de Carolina Maria de Jesus”, de Ecília Braga de Oliveira, versa sobre a vida e a obra da autora de *Quarto de despejo* a partir da ótica da Análise Dialógica do Discurso (ADD). O estudo enfatiza a contribuição da escrita de Carolina Maria de Jesus para autoras posteriores. A pesquisadora Juliana Queiroz, em seu texto *Em busca de mulheres na literatura: de ilustres desconhecidas às novas edições*, propõe uma reflexão acerca das discussões de diversas investigadoras brasileiras sobre a questão do memoricídio, como nos lembra Constância Lima Duarte. Queiroz busca traçar um panorama e um resgate em que traz alguns nomes com base nas pesquisas de Zahidé Lupinacci Muzart, Constância Lima Duarte, entre outras. Na mesma seara, o artigo *A Crítica Feminista e as ações para o reconhecimento da literatura escrita por mulheres no cenário brasileiro* versa sobre a crítica feminista no processo de disputa pelo reconhecimento da produção literária de mulheres no cenário brasileiro. Com isso, Renato Marques Silva apresenta uma revisão histórica e analisa a produção literária contemporânea de escritoras, assim como o espaço

ocupado por elas no mercado editorial brasileiro. A proposta das pesquisadoras Crisláide Sousa e Algemira Mendes busca explorar a expressão da masculinidade em meio a expectativas patriarcais e normas de gênero, na obra evaristiana. O artigo *A performance da masculinidade e sedução afro-brasileira de Fio Jasmim em Canção para ninar menino grande*, tange os questionamentos sobre a compreensão das complexidades da masculinidade na literatura contemporânea, assim como os diálogos sobre identidade e relações interpessoais.

No que se refere à autoria latino-americana, Alexandra Pinheiro, Gabriela Carvalho e Clarice Goulart apresentam uma análise da maternidade na obra *A filha única, de Guadalupe Nettel: um olhar interseccional sobre a maternidade*. No artigo, a análise centrada nas três protagonistas objetiva desconstruir os discursos universais sobre a função da mulher e a romantização deste papel de subordinação. Já *Imigração e identidade em Febre Tropical (2021) de Juliana Delgado Lopera*, de Ana Paula de Souza, analisa a forma como a autora constrói, na ficção, a representação da experiência de deslocamento a partir de dois eixos temáticos: imigração e identidade.

O dossiê fecha com a entrevista intitulada *Formas de ocupar o universo da escrita: entrevista com Márcia Kambeba*, realizada pela professora e pesquisadora Ivânia dos Santos Neves, em que as palavras da escritora indígena presenteiam os leitores com sua fala elucidativa sobre o lugar da escrita e suas reverberações.

O volume 66 se encerra com a seção de artigos de tema livre por meio do artigo de Adriano de Paula Rabelo, intitulado *A cidade heroica e o nascimento de uma nova ordem na “Carta a Stalingrado”, de Carlos Drummond de Andrade*. Nele, o autor apresenta a vitória de Stalingrado, saudada pelo poeta como uma espécie de parto dolorido de uma nova ordem mundial, buscando traçar reflexões e pontes entre o poema e suas interlocuções.

Desejamos a todas e todos uma excelente leitura!